

## JOGO DO PAU

# “O tradicional vai morrendo aos poucos”

**José Maria da Rocha, mais conhecido pelo senhor Rocha, foi um exímio jogador do pau. Este terrabourense nasceu em 19 de Março de 1929 no lugar do Assento, na Freguesia de Cibões. Com apenas 9 anos de idade foi servir como moço de lavoura para a freguesia de Santa Isabel do Monte onde lhe pagavam um salário anual de 300\$00.**

Com 13 anos vai trabalhar para a casa do Feixa, em Vilarinho da Furna, e vê o seu salário anual aumentado para o dobro. Em Vilarinho, as suas principais tarefas eram regar os campos de milho e guardar as cabras na serra.

Aos 14 anos decidiu encontrar melhor sorte em Lisboa. Na capital, começou como ajudante de cozinha numa pastelaria de fabrico para revenda. Mais tarde foi trabalhar para a pastelaria Áurea, na rua do Ouro, e a seguir traba-

lhou na pastelaria Marques na Avenida Almeida Garrett. Foi com colegas seus da cozinha que aprendeu a assinar o seu nome porque na sua infância não havia escola.

Inicia a sua actividade de cozinheiro propriamente dita no Hotel Florida onde permanece até a ida para a tropa. Cumpre o serviço militar na Base Aérea n.º 1 de Sintra e volta ao Hotel Florida volvidos três anos, muda para o Hotel Espadarte em Sesimbra e mais tarde para o Hotel Turismo da Ericeira. Esta itinerância nunca se deveu ao facto de não gostar de trabalhar nestes locais ou de ser preguiçoso, mas à procura de melhor salário. Foi somente em 1951 que obteve os seus primeiros oito dias de férias. O senhor Rocha trabalhou como cozinheiro ainda noutros locais e chegou a viver a aventura da emigração em França durante cerca de sete anos.

Hoje, na reforma ajuda e apoia a sua esposa que devi-



José Maria da Rocha

Rocha aprendeu a jogar o pau com José Pelote e também com o João Quinteiro de Bergaço. Queixa-se da falta de reconhecimento. “Nunca foi feita uma homenagem a qualquer um dos jogadores de pau do nosso concelho e nunca nos deram a conhecer. O João Quinteiro foi para mim o maior jogador do nosso País.”

Em Lisboa, na década de 50 o senhor Rocha inscreveu-se no Atelier Comercial tendo recebido aulas do mestre Domingos Miguel e do contratista António Antunes Caçador. Frequentou esta escola durante 30 anos. Fez demonstrações no Estádio da Luz nas festas de Vila Franca de Xira, no Pavilhão dos Desportos, e em muitos outros locais.

Actualmente ainda recebe inúmeros convites para fazer demonstrações, mas as pernas já não o ajudam.

O senhor Rocha fez questão de mostrar à reportagem do “Geresão” a sua infindável colecção de varas. São às dezenas. Há varas para todos os gostos. Umas são de lodo, outras de junco e outras de

(Continua na pág. 15)



## As “bocas” do Geresão

- Uf! Que alívio, Geresão! Finalmente, livres!...
- Mas, livres de quê? Não te percebo, homem!
- De certeza que não é do frio, pá. Vê se adivinhas...
- Só se for das discursatas eleitoralistas de que, realmente, toda a gente se cansou...
- Tudo se quer, pá. Nem oito nem oitenta...
- Pois olha que, pelos vistos, não faltou quem desse o litro pela sua causa...
- É natural. “Quem corre por gosto, não cansa”...
- Só não sei se tais “corredores” o fizeram por gosto ou por conveniência...
- E ainda duvidas? Haverá, hoje, quem dê o ponto sem nó?
- És capaz de ter razão, como de costume. Se bem que...
- ... Por vezes, há alguns “iluminados” que têm certas alucinações, não ias a dizer?
- Ia, ia. E será que irão ficar sem resposta?
- Não vale a pena, pá. Ninguém leva a sério esses “nómadas”, não faltando quem risse à gargalhada, com semelhante disparate. E nunca ouviste dizer que “não adianta gastar cera com fracos defuntos”?
- Ouvi, sim.
- Então, deixa-os carpir as suas mágoas, lambendo as feridas das amarguras que, pelos vistos, ainda não conseguiram cicatrizar.
- Fazes bem. O desprezo, para certa gente, é a melhor resposta que se lhe poderá dar.
- Até mais ver, amigalhoto!
- Até à próxima, Geresão! E peito firme, ouviste?!

Repórter Alfa

do a um glaucoma praticamente se encontra cega.

O senhor Rocha confidenciou à reportagem do “Geresão” que a reforma de França, com descontos apenas de sete anos, é bem maior do que a reforma portuguesa. “Após 38 anos de trabalho na indústria hoteleira, a pensão de França é mais do dobro que a pensão da hotelaria”.

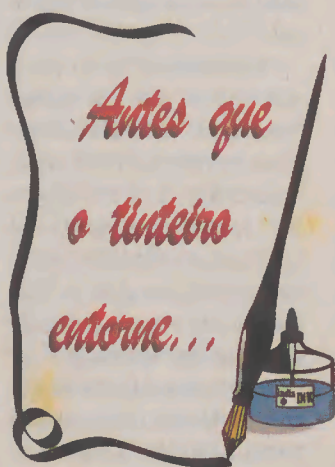
Afirma com tristeza que “a freguesia de Cibões está envelhecida, as casas dos lavradores estão vazias, as alfaias agrícolas estão paradas e os

campos ao abandono. Dantes era gente por todo o lado, agora é uma miséria.” No entanto, considera que há actualmente aspectos positivos “porque temos luz, telefone e estradas.” Insiste em comparar o passado com o presente: “Dantes era tudo cheio de gente. Agora, toda a gente foge. A lavoura não dá quase nada. Uma profissão que vai dando ainda é a de cozinheiro, mas tem que se fugir daqui.”

Foi em Santo António de Mixões da Serra que o senhor

## A CASA (DE GARRETT) VAI MESMO ABAIXO!

A Câmara Municipal de Lisboa licenciou recentemente a construção de um imóvel habitacional no centro da cidade, no espaço ocupado pela casa onde viveu o escritor Almeida Garrett, o que vai implicar a demolição desta.



Argumentou a autarquia que a casa do escritor não tem qualquer “valor arquitectónico”, pelo que a sua demolição não é nenhum atropelo às regras de licenciamento urbano. Como que a verter lágrimas de crocodilo, disseram ainda responsáveis políticos que depois, mais tarde, pensarão numa forma de homenagear o escritor, para compensar – digo eu – a atrocidade que vão permitir que se faça.

Se a casa onde viveu um dos mais prestigiados autores portugueses só é vista à luz do “valor arquitectónico” e nenhum outro valor importa, que raio valerão uns rabiscos nuns calhaus no vale do Côa, que tecnicamente a história chamou pinturas rupestres?! Contudo, estes vestígios remotos conseguiram impedir – com o meu aplau-

so – a construção de uma barragem, com tudo de vantajoço que ela traria para a região transmontana e para o país!

Seguindo o mesmo raciocínio da Câmara de Lisboa, no futuro nada obstará a que se possa demolir, por exemplo, uma ponte romana, para no seu lugar se construir um passeio pedestre em cimento armado, com vista privilegiada para o rio, mediante o pagamento de uma qualquer importância, tipo portagem, ou, ainda, acertar com uns balázios numa qualquer estátua de uma qualquer figura histórica do

país, para que se possa redimensionar uma rotunda, ou outra qualquer artéria rodoviária, só porque o monumento em causa foi construído em ferro mal fundido e agora se encontra com uma camada considerável de ferrugem, pelo que o seu valor metalúrgico já não tem expressão na bolsa nacional dos metais!

Estes senhores saberão, por acaso, que certas obras valem pelo seu significado emocional, sentimental, cultural... e que perante estes valores quaisquer outros que

se lhe queiram atribuir pouco significam?

Com atitudes como as que levarão à demolição da casa de Almeida Garrett, onde, pela certa, outros valores se levantam, o país ainda há-de querer viajar pela sua terra... e dela pouco ou nada sobrar!



JOÃO LUÍS DIAS

**A.E.O. - ARQUITECTURA, ENGENHARIA E OBRAS, LDA**  
**SEDE:**  
 RUA GUEDES OLIVEIRA, 20 - APARTADO 77 - 4436-909 RIO TINTO  
 TELEFONES 22 480 7626 / 22 485 6344 - FAX 22 485 6343  
**FILIAL:**  
 RUA Dr. FRANCISCO XAVIER ARAÚJO, MOIMENTA  
 4840-100 TERRAS DE BOURD  
 TELEFONES 938 897 433 / 934 892 457  
 EMAIL: aeo.lda@aoe.mall.pt

**ARQUITECTURA, ENGENHARIA, GESTÃO, CONSTRUÇÃO, COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES**

## JOGO DO PAU

(Continuação da pág. 16)

# “O tradicional vai morrendo aos poucos”

marmeleiro. Parte delas foram feitas pelas suas mãos. “A protecção de metal que as varas têm nos extremos são para não esgaçarem”, explicou o senhor Rocha.

No que concerne ao jogo do pau esclarece que “isto não é um jogo de pau, mas esgrima do pau nacional que já vem do tempo do rei D. Carlos (finais do século XIX e princípios do século XX).”

Foi há 26 anos atrás que criou, na vila de Terras de Bouro, a convite do Presidente da Câmara Municipal, José Araújo, a escola do jogo do pau que veio a funcionar regularmente durante oito anos. Esta escola terminou, apesar do número sempre elevado

de alunos, devido ao problema de artroses que começaram a limitar a sua mobilidade. “Porque as voltas que o pau dá por cima no ar, as pernas tem que dar as mesmas voltas por baixo.” As pernas mataram-lhe outra das suas grandes paixões: a caça porque não lhe permitem longas caminhadas pelos montes de Cibões.

“Foram oito anos de professor”, recorda com saudade. Mobilizou muitos jovens terrabourenses para a prática do jogo do pau. No nosso concelho e noutros locais, o senhor Rocha e os seus pupilos fizeram inúmeras exposições. Recordar-se com carinho de todos os seus alunos

e destaca o Luís da Souta e o Álvaro do Pereirinha que eram jovens muito empenhados e assíduos.

Jogou o pau com indivíduos de Espinho, Melgaço, Sezimbra, e de outras localidades do nosso País e foram muitos os episódios caricatos. Uma vez jogou o pau com um indivíduo chamado Adelino Barroso na vila de Terras de Bouro. Foi num dia de feira, na “Leira do Sousa”, por debaixo da Escola Padre Martins Capela depois desse indivíduo o ter desafiado. O Adelino Barroso atirou-se muito impetuoso e o senhor Rocha foi desviando o seu corpo das varadas. Deixou-o entusiasmar-se e o resultado “foi ter

rachado a cabeça ao Adelino Barroso com uma boa varada”.

Uma outra vez estava a jogar o pau com um indivíduo que lhe atirou uma varada, conseguiu desviar-se, mas o outro jogador cortou-lhe o cinto com a pancada.

Muitas vezes chegou a estar cercado por quatro ou cinco homens, mas defendeu-se sempre “porque as pernas ajudavam”.

O senhor Rocha aconselha a nossa juventude a valorizar o que é tradicional e aprender o jogo do pau. “O jogo do pau faz parte da nossa tradição e pode ser usado em legítima defesa. Mas, hoje, não há quem queira aprender a tocar cavaqui-

nho, por exemplo, ou aprender outra coisa qualquer. O que é tradicional, infeliz-

mente, vai morrendo aos poucos.”

José Guimarães Antunes

«Geresão» n.º 167 de 24 de Janeiro de 2006

### Cartório Notarial de Amares

#### EXTRACTO

JOSÉ MANUEL FARIA DA SILVA, Primeiro Ajudante do Cartório Notarial do concelho de Amares, certifico que, por escritura lavrada neste Cartório, em 04/01/2006, exarada a fls. 83 e seguintes do livro de notas n.º 244-C, José de Abreu Machado e mulher Maria do Céu Rebelo de Oliveira, nifs. -120 299 798 e 163 122 490, naturais, ele da freguesia de Braga (São João de Souto), da cidade de Braga e ela da freguesia de Moimenta, concelho de Terras de Bouro, residentes nesta última no lugar de Pesqueiras, casados sob o regime de comunhão geral de bens, declararam que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do prédio rústico, denominado “Bouça do Outeiro”, com a área de mil e duzentos metros quadrados, sito no lugar de Covas, freguesia de Moimenta, concelho de Terras de Bouro, a confrontar do norte com caminho, do sul com a Estrada, do poente com Teresa Freitas Lima e do nascente com Carlos de Andrade, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Terras de Bouro, inscrito na matriz respectiva, em nome do justificante varão, sob o artigo 937, com o valor patrimonial tributário de 37,72 Euros, e a que para efeito deste acto lhe atribuem o valor de quinhentos euros.

Que o dito prédio, foi adquirido, por compra verbal, no ano de mil novecentos e setenta e cinco, a Deolinda de Abreu, solteira, maior, residente que foi no lugar de Pesqueiras, da mencionada freguesia de Moimenta, sem que no entanto ficassem a dispor de título formal que lhes permita o respectivo registo na Conservatória do Registo Predial; mas, desde logo, entraram na posse e fruição do prédio, em nome próprio, posse que assim detêm há mais de vinte anos, sem interrupção ou ocultação de quem quer que seja.

Que essa posse foi adquirida e mantida sem violência e sem oposição, ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, em nome próprio e com aproveitamento de toda a utilidade do prédio, nomeadamente cortando mato e pinheiros, agindo sempre por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, quer usufruindo como tal o imóvel, quer suportando os respectivos encargos.

Que esta posse em nome próprio, pacífica, contínua e pública, desde o ano de mil novecentos e setenta e cinco, conduziu à aquisição do imóvel, por USUCAPIÃO, que invocam, justificando o direito de propriedade, para o efeito de registo dado que essa forma de aquisição não pode ser comprovada por qualquer outro título formal extrajudicial.

AMARES E CARTÓRIO NOTARIAL, quatro de Janeiro do ano dois mil e seis.

O PRIMEIRO AJUDANTE

(José Manuel Faria da Silva)

## Memórias da minha Infância

### CONFISSÕES

O Tonito não fugia à regra geral dos da sua idade pois, logo no início do ano escolar, tinha de se apresentar à irmã Cecília, na igreja da paróquia, que lhe indicava o catecismo a comprar e apresentava a catequista que lhe daria as lições (semanais) preparatórias da sua primeira comunhão. A única coisa que este menino adorava, na catequese, era olhar as imagens do catecismo com as quais se perdia e distraía das lições da catequista.

Era uma obrigação tradicional e generalizada a ida à catequese. Menino que não a frequentasse via a sua família apontada pelas altas instâncias do poder da aldeia, nesse tempo representadas pelos, Sr. Professor Primário, Sr. Prior e Sr. Regedor. Daí que, muitos meninos vivessem as “aulas” do catecismo como um suplício.

Depois de um dia de escola, das nove horas da manhã às três e meia da tarde ter de aguentar mais duas de catequese em vez de uma boa “futebolada”, era exigência tal que nem os caramelos da irmã Cecília ajudavam a aturar a catequista.

Mas o tempo foi passando e, as lições de tanto matraqueadas, lá iam ganhando encadeamento, salvo as dúvidas misteriosas e difíceis de entender como eram a Santíssima Trindade e o desapa-

recimento de Cristo após a ressurreição.

O Tonito por mais dúvidas que colocasse à catequista, nunca encontrava explicação plausível e credível (para a sua idade) sobre o significado de três pessoas numa só, e tinha receio, quando se interrogava sobre o paradeiro de Jesus após a sua ressurreição, que o apelidassem de S. Tomé. Também ele tinha de ver para querer, e não se queria sentir na triste figura de descredito tal como o citado apóstolo.

E de lição em lição lá foi encaixando os rituais e preceitos da fé cristã assim como as frases e atitudes a ter, no grande exame, com o Sr. Prior que o haveria de interrogar, para depois se ajoelhar e confessar os seus pecados.

Passou no exame com uma avaliação sofrível segundo as palavras do Sr. Prior que lhe disse: - Não estás muito bem preparado mas podes ir confessar-te.

Foi direito ao banco onde os seus companheiros de escola e de catequese, o Xico Barrigas e o Crispim, aguardavam.

A primeira recomendação do Crispim foi: - Olha, assim que te ajoelhares tens de dizer; - abençoi-me padre que pequei.

O Tonito assentiu com a cabeça pois sabia, pelas recomendações da irmã Cecí-

lia, que assim devia fazer. Mas aquilo que o atormentava eram os pecados.

Que pecados devia dizer ao confessor? E tratou de se virar para o Xico Barrigas, o mais expedito e desenrascado, a quem perguntou:

- Ó Xico, que pecados é que vais dizer ao Sr. Prior? Eu? Vou dizer-lhe desobediência aos pais, maus pensamentos e que roubei açúcar à minha mãe.

O Tonito, uma criança de sete anos de idade que nunca tinha roubado ou praticado injustiça digna de confissão, encontrou ali através do seu amigo Xico, uma possível solução para resolver esta etapa da sua vida, a confissão.

À medida que ia observando os colegas que saíam do confessionário, e se ajoelhavam frente ao altar do Sr. do Calvário, imaginava a quantidade de pecados confessados pelo tempo de oração da penitência decretada.

Chegada a sua vez, o Tonito, depois da ritual bênção de arrependimento, começou a relatar os pecados copiados dos colegas, ou seja, desobediência aos pais, maus pensamentos e, para inovar, inventou um assalto à laranjeira da Sra. Margaridinha.

O confessor, seu conhecido, ouviu os seus desabafos e perguntou: - Ouve lá, nunca andaste a fazer coisas feias atrás das paredes? O Tonito

não contava com esta. Mas o que queria o Padre dizer com “coisas feias” atrás das paredes? De repente lembrou-se de uma cólica intestinal que o obrigou a saltar o muro do Sr. Teixeira, ali mesmo junto à igreja. Seria a isso que se referia o confessor? Será que o malandro tinha observado a impaciência intestinal?

Na dúvida, o Tonito, disse que sim, o que lhe custou mais cinco Pai-Nossos, de joelhos, em frente do altar do Sr. do Calvário. E lá foi comungar, julgando-se isento de qualquer pecado. Mas, não é que passados dias a Sra. Margaridinha levou um cesto das ditas laranjas ao Sr. Prior que afirmou em plena sacristia: - destas, sou só eu que as como pois são ainda mais azedas que os limões do Ti Manuel das Pinhas.

O Tonito pensou como é que o malandro do seu amigo confessor havia aceitado o “pecado forjado”, das laranjas, e nada lhe disse. E logo jurou nunca mais se confessar. No entanto, muitos anos mais tarde, quando casou, mais uma vez, por obrigação, teve de confessar o pecado da mentira da sua primeira confissão.

Vá lá saber-se o que as crianças hoje inventam para cumprir as regras e as tradições que a nossa igreja ainda teima em manter.

Lopes de Almeida

## (IN)DIRECTAS

O Ministério Público controlou, entre Dezembro de 2001 e Maio de 2002, através de escutas telefónicas, mais de oitenta mil chamadas particulares de 208 personalidades do país, entre as quais todos os titulares dos órgãos de soberania: Presidentes da República e da Assembleia da República, Primeiro-Ministro e Presidente do Tribunal Constitucional. Tudo isso por falhas imperdoáveis cometidas no âmbito do processo da Casa Pia. Que justiça e que direito à privacidade há em Portugal?

Observador